



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_

DDD'98
Diálogos Doutorais em Design



Quintais: paisagens urbanas entre floresta, memória e encontros

Backyards: Urban Landscapes between Forest, Memory, and Encounters

Mariana Alves Monteiro¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Doutoranda, marianamonteiro.a@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa de doutorado em andamento investiga os quintais como espaços de insistência e regeneração da vida em territórios urbanos e periurbanos atravessados por apagamentos culturais, monocultura e especulação imobiliária. Inserida no campo do design e em diálogo com a antropologia, a pesquisa adota abordagem etnográfica e cartográfica sensível, valorizando práticas de cultivo, festa e cuidado que articulam memória, paisagem e modos de viver plurais. Quintais, caminhos e florestas são tratados como eixos analíticos que revelam infraestruturas vivas de resistência comunitária e vínculos multiespécies. Espera-se como resultado a produção de um inventário visual e sensível de “territórios-quintal”, ampliando metodologias de escuta e coautoria no design para apoiar práticas regenerativas em tempos de crise climática e do Antropoceno.

Palavras-chaves: Quintais; Cidade, Regeneração; Paisagem

Abstract

This doctoral research investigates backyards (quintais) as spaces of insistence and life regeneration in urban and peri-urban territories shaped by cultural erasure, monoculture, and real estate speculation. Grounded in design and in dialogue with anthropology, it adopts an ethnographic and sensitive cartographic approach to highlight practices of cultivation, festivity, and care that connect memory, landscape, and plural ways of living. Backyards, pathways, and forests are analyzed as living infrastructures of community resistance and multispecies relations. The expected outcome is a visual and sensitive inventory of “territory-backyards,” expanding design methodologies of listening and co-authorship to support regenerative and cosmopolitical practices of inhabiting the city in times of climate crisis and the Anthropocene.

Keywords: Backyards; City; Regeneration; Landscape.

O trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado em fase inicial e tem como objetivo refletir sobre os quintais como espaços de táticas de insistência e regeneração da vida em territórios urbanos e periurbanos atravessados por lógicas de destruição ambiental e apagamento cultural. Situada no campo do design, a pesquisa busca na antropologia ferramentas conceituais e metodológicas que sustentem uma investigação etnográfica, sensível e implicada. O campo se volta a quintais festivos e produtivos de comunidades tradicionais, sobretudo no Rio de Janeiro, como o Quilombo Cafundá Astrogilda, no Parque Estadual da Pedra Branca, e os quintais do Morro do Salgueiro. Esses espaços, aparentemente pequenos, revelam-se como territórios simbólicos, políticos e afetivos. Neles, festas, cultivos e práticas de cuidado ativam paisagens resistentes diante da especulação imobiliária. Os quintais operam como tecnologias sociais de manutenção de vínculos familiares e comunitários, reunindo pessoas, plantas, tambores, saberes e encantados. São lugares de memória e política, mas também arenas de tensionamento e negociação com o poder público e o capital. A partir da cartografia sensível desses territórios, proponho pensar os quintais como espaços cosmopolíticos que enraízam modos de viver coletivos, desdobrando-se em práticas que recriam mundos e futuros possíveis. Minha trajetória acadêmica se constrói no campo do design, da graduação ao doutorado. Graduei-me em Desenho Industrial na Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ e defendi no PPDESDI/UERJ a dissertação “Festa, espaço e encontro: táticas de insistência em meio à turbulência de uma pandemia” (2023). Nela investiguei como festas populares no Rio de Janeiro desenvolveram táticas de insistência diante das restrições da COVID-19. A partir da pergunta “o que acontece com a roda quando não se pode fazer roda?”, compreendi que a festa não apenas resiste, mas atua como prática de supravivência (Simas; Rufino, 2018) e de *response-ability* (Haraway, 2016), capaz de transformar tensões da vida cotidiana em vida pulsante. Mostrei que a festa é espaço de cuidado, invenção e negociação, e força que redesenha a cidade, produzindo novas espacialidades. Esse percurso se aprofunda no doutorado, agora com foco nos quintais como territórios regenerativos, onde cultivo, cuidado, memória e festa sustentam modos de vida plurais. Assim, amplia-se a reflexão sobre como comunidades tradicionais criam, em práticas cotidianas, formas de habitar que redesenham cidade e projetam futuros. A pesquisa dialoga com autoras e autores que oferecem referenciais teóricos e ferramentas para pensar os quintais como paisagens cosmopolíticas. Donna Haraway (2016) propõe “ficar com o problema”, recusando soluções simplistas e apostando em modos de convivência tentacular. Anna Tsing (2019) descreve a vida nas ruínas do capitalismo, ressaltando formas de existência que florescem nas frestas. Antônio Bispo dos Santos (2015) convoca a pensar a cidade como disputa, defendendo uma perspectiva contra-colonial do território. Debates sobre paisagem, festa e regeneração ajudam a situar os quintais como espaços simultaneamente materiais e simbólicos,

locais e cosmopolíticos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e etnográfica, no campo do design em diálogo com antropologia e estudos urbanos. O objetivo é investigar como quintais de comunidades tradicionais e populares regeneram vida e paisagem em territórios atravessados por apagamentos e conflitos, contribuindo para formas alternativas de habitar. Especificamente, busca-se cartografar práticas de cultivo, festa e cuidado; analisar como transformam paisagens; compreender relações de negociação com Estado e capital; produzir narrativas visuais como fotografias, desenhos e mapas; e ampliar metodologias visuais e etnográficas voltadas à regeneração urbana. Adota-se uma abordagem etnográfica, relacional e sensível, inspirada em práticas de caminhar e cartografar como formas de escuta, coleta e co-narração. Caminhar com os moradores - percorrendo quintais, trilhas e florestas - permite observar relações entre pessoas, plantas, casas, águas e encantados, transformando o corpo em instrumento de pesquisa. A cartografia sensível busca integrar imagens e narrativas visuais colaborativas, indo além dos mapas técnicos para compor paisagens vividas. Serão mobilizadas técnicas como observação participante, entrevistas abertas e oficinas para registros visuais e mapas. Os dados serão gerados por diários de campo, fotografias, vídeos e desenhos, combinados a narrativas produzidas também pelos interlocutores. A pesquisa assume caráter partilhado da produção de conhecimento, valorizando perspectivas locais e reconhecendo a posição da pesquisadora como alguém “de fora”, implicada em uma prática ética de escuta e coautoria. Visitas exploratórias vêm contribuindo para a delimitação inicial do campo. No Morro do Salgueiro, os quintais se fundem à mata à medida que se sobe o morro. Plantas medicinais cultivadas por erveiros, casas antigas e rastros de ocupação revelam uma paisagem marcada pela tradição do caxambu, festa enraizada na cultura negra. Já no Quilombo Cafundá Astrogilda, dentro do Parque Estadual da Pedra Branca, um quintal de acolhimento e partilha de alimentos, de fronteiras indefinidas com a floresta e ligado a outros quintais por trilhas. Floresta e comunidade se sustentam mutuamente, apesar de uma legislação conservadora que desconsidera práticas ancestrais de manejo. Essas visitas mostraram a diversidade de formas de ocupação, mas também suas conexões: paisagens sensíveis, habitadas por histórias, encantados e disputas políticas. Essas experiências revelaram três eixos fundamentais. O primeiro é o quintal, unidade territorial viva e política, onde se compartilham alimentos, se celebra e se cultiva memória. Espaço de resistência frente à monocultura e à especulação, ativa saberes ancestrais e práticas de cuidado. O segundo são os caminhos, mais que vias de deslocamento: trilhas de memória que conectam casas, quintais, roças e comunidades. São infraestruturas vivas, marcadas por trocas solidárias e saberes locais, e caminhar por eles é também prática de pesquisa e de vínculo com o território. O terceiro é a floresta, território simbólico e espiritual, povoado por seres encantados, mas também campo de disputa com Estado e capital. Enquanto

normas ambientais buscam conservar, podem desconsiderar saberes tradicionais e o direito ao habitar. Esses três eixos - quintal, caminhos e floresta - se entrelaçam como expressões de modos de vida enraizados em práticas de coabitação, memória e cuidado, desafiando visões hegemônicas de urbanidade e territorialidade. Espera-se que a pesquisa revele como quintais funcionam como espaços de regeneração em contextos urbanos e periurbanos, destacando práticas de cultivo, festa e cuidado que fortalecem vínculos comunitários e multiespécies. Pretende-se construir um inventário visual e sensível de “territórios-quintal”, articulando memória, cidade, floresta e cultura, e oferecer subsídios teóricos e metodológicos para pensar a regeneração a partir de práticas tradicionais. Busca-se também contribuir para o campo do design ao propor metodologias de escuta e visualização que reconheçam e valorizem saberes comunitários. Pensar os quintais como paisagens cosmopolíticas é apostar em uma perspectiva que articula teoria e prática, design e antropologia, etnografia e experimentação visual. Nos quintais, caminhos e florestas, a vida se reinventa nas frestas, insistindo em formas coletivas e plurais de habitar. Ao situar a pesquisa nesse campo, busco contribuir para debates sobre paisagem, festa, territorialidade e regeneração, mas também para práticas de design comprometidas com a multiplicidade da vida. Trata-se de compreender e valorizar modos de viver que resistem e recriam mundos, oferecendo pistas para futuros possíveis em tempos de Antropoceno.

Referências

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: Editora N-1, 2023.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

_____. **O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.